



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A ARTE DE AMAR: A MORAL SEGUNDO OVÍDIO

CAMILA SEVERIANO ARAÚJO

GUARABIRA – PB
DEZEMBRO DE 2012

CAMILA SEVERIANO ARAÚJO

A ARTE DE AMAR: A MORAL SEGUNDO OVÍDIO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

ORIENTADORA: PROF.^a Ms.
MICHELLY PEREIRA DE SOUSA
CORDÃO

GUARABIRA – PB
DEZEMBRO DE 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A658a Araújo, Camila Severiano

A arte de amar: a moral segundo Ovídio / Camila Severiano Araújo. – Guarabira: UEPB, 2012.

34f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof^a. Ms. Michelly Pereira de Sousa Cordão.

1. Sociedade Romana 2. Moral 3. Ovídio
I. Título.

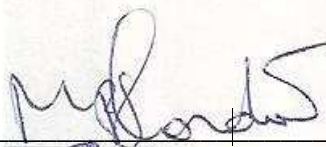
22.ed. CDD 937

CAMILA SEVERIANO ARAÚJO

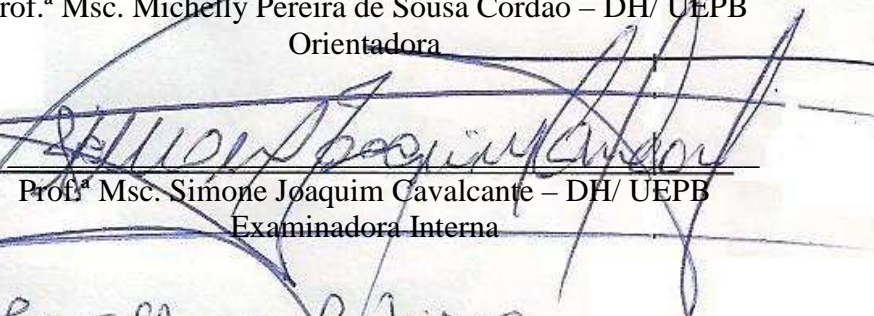
A ARTE DE AMAR: A MORAL SEGUNDO OVÍDIO

Aprovada em: 06/12/2012

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Msc. Michelly Pereira de Sousa Cordão – DH/ UEPB
Orientadora



Prof.^a Msc. Simone Joaquim Cavalcante – DH/ UEPB
Examinadora Interna



Prof. Esp. José Elson Carvalho Lira – DH/ UEPB
Examinador Interno

Aos meus pais, José Alves e Eurenice, por tudo que me ensinaram.

Ao meu marido que me deu força e foi paciente na hora em que mais precisei.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em quem “vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17:28).

Aos meus familiares que sempre me incentivaram.

A minha orientadora Ms. Michelly Pereira de Sousa Cordão, pela orientação, paciência, amizade e estímulo.

Aos meus colegas de graduação por tudo que compartilhamos nestes cinco anos de labuta acadêmica.

Aos professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, e que mesmo sem intenção me fizeram sentir prazer em estudar História, e a fiz por amor.

Por fim, a todos que fizeram parte de minha trajetória acadêmica.

RESUMO

O trabalho que aqui se delineia teve como objeto fazer uma reflexão sobre a obra do poeta latino Públio Ovídio Nasão (43 a.C.-18 d.C.) intitulada *Ars Amatoria* (*A arte de amar*). A trama textual de *A arte de amar* não revela apenas traços de uma obra literária, é acima de tudo a expressão de uma época, de sua organização social, cultural, lingüística e histórica. Embora essa obra seja rica e passível de inúmeras considerações e interpretações, optamos por apresentar aspectos pertinentes à questão da moral propagada por Ovídio nesse tratado acerca do amor em detrimento daquela propagada por Augusto. Sendo assim, primeiramente, contextualizamos historicamente o período em que foi escrita *A arte de amar* para, a partir daí, analisarmos seu conteúdo e seus temas. Mais do que tudo, procuramos identificar em seu interior aspectos de uma moral que se diferenciava em grande medida da moral augustana cuja máxima maior era “restaurar” a sociedade romana a partir da conservação das instituições e dos costumes tradicionais.

PALAVRAS – CHAVE: Ovídio; Moral; Sociedade Romana; “Arte de Amar”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I – Roma e amoral no “século de Augusto”	10
CAPÍTULO II– Ovídio, <i>A arte de amar</i> e o projeto “restaurador” de Augusto	16
CAPÍTULO III– <i>A arte de amar</i>: análise da obra	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se inseriu no campo da história cultural, visto que visa analisar as práticas e as representações da sociedade Roma no período do império de Augusto. De acordo com Sandra Pesavento (2005, p. 42),

Pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo.

É deste modo que fizemos aqui uma apresentação dos modelos de moral que estavam sendo propagados no período do império, de dois personagens que tiveram pensamentos divergentes, onde Ovídio poeta da época era a favor das representações que estavam sendo vivenciadas em seu tempo e Augusto que desejava restaurar os costumes dos tempos austeros.

Sendo assim, este trabalho analisa as representações sobre aspectos culturais da sociedade romana construídas por Ovídio e, dessa maneira, estabelece um diálogo com o campo da História Cultural¹. Procuramos investigar as representações de um passado a fim de entender como os homens expressaram a si próprios num período tão conturbado da história da sociedade romana. A escolha de Ovídio, “poeta do amor”, permitiu um encontro com uma Roma “não-oficial”; uma Roma com espaços urbanos preenchidos por indivíduos que promoviam práticas sociais recheadas por prazer, indo de encontro à moral tradicional da cidade.

Nosso interesse em estudar este tema se desenvolveu quando percebemos que dentre todos os colegas que estavam concluindo o curso de graduação, nenhum se interessava por esta temática. Deste modo e pelo fato de, desde o ensino médio haver uma identificação com a mesma, optamos por fazer o trabalho de conclusão do curso englobando a área de História Antiga, em especial Roma.

Por outro lado, destaque-se o presente trabalho não teve como intenção enaltecer Roma, como podemos perceber em inúmeras outras produções que abordam esta temática. Aqui optamos por estudar um contexto, fins da República e inícios do Império (séc. I a.C.-

¹ O conceito de representação é discutido por Roger Chartier em sua obra clássica: CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

séc. I d.C.) em que Roma encontrava-se em um período de modificações políticas, econômicas, sociais e culturais, dando ênfase a um traço dessa sociedade que atravessava todos esses aspectos: a moral.

Nos últimos anos da República Romana, a sociedade passava por um período bastante conflituoso, de guerras civis constantes, que fragilizaram a política administrativa no vasto território conquistado pelos romanos. O senado romano, que se constituía como órgão máximo no período republicano, apresentava-se incapaz de representar esta cidade que se transformara numa cidade central. Com as guerras, o comércio se encontrava estagnado e a terra desvalorizada.

Com o passar dos anos, Roma tornou-se uma capital internacional, introduzindo novos valores em sua sociedade e se transformando numa civilização urbana que oferecia várias possibilidades de prazer a seus cidadãos, tais como: o prazer cotidiano e ocasional; os prazeres coletivos e individuais; os da cidade e do campo; o do homem e da mulher (ROBERT, 1995,p.15).É a partir deste viés que Augusto, então o *princeps*² de Roma, anunciava a ideia de promover uma reforma moral da sociedade romana, fomentando o resgate de um passado tradicional em que haveria paz e harmonia social. É por isso que Augusto, para justificar seu poder como o primeiro *princeps*, vai construir um projeto político cuja máxima principal era afirmar que iria “refundar” Roma, restabelecendo a moral que, segundo ele, estava se perdendo³.

Diante deste contexto, surgem grandes poetas, um deles chamava-se Públio Ovídio Nasão, que nasceu em Sulmona em 20 de março de 43 a.C. Pertencia à alta classe média, obtendo prestígio enquanto magistrado, porém decidiu dedicar-se à poesia. Escreveu diversas obras, entre elas *A arte de amar*, nossa principal fonte para este estudo. Foi considerado um poeta mundano, por abordar nas suas obras temáticas ligadas ao prazer, assim como, temáticas vinculadas ao cotidiano romano.

A partir deste contexto, iremos abordar a questão da moral em *A arte de amar* de Ovídio, procurando estabelecer comparações com aquela propagada pelo *princeps* Augusto em cujo principado fez uso de várias estratégias para promover a restauração dos costumes ancestrais, colocando nesse exercício a principal justificativa política para se conservar no

² Trata-se do Príncipe, título a partir de Augusto, que significa o “que ocupa o primeiro lugar”, o primeiro entre todos. Logo, o escolhido para comandar Roma. Cf.: (FARIAS, Ernesto, 1991). Cf.: (CORDÃO, M.P.S, 2007).

³ Para entender esse contexto da política romana e a relação de Augusto como escritores da época, a exemplo de Virgílio e Tito Lívio, ver: CORDÃO, Michelly P. de S. *Olhares sobre a historiografia antiga: diálogos com Tito Lívio*. Campina Grande: UFCG, 2007 (monografia de graduação).

poder. Dessa maneira, pensamos Ovídio como um sujeito que rompeu, em parte, com essa intenção política do *princeps* romano e, ao mesmo tempo, como um poeta que representa aspectos da sociedade romana, sobretudo relativos a elementos do cotidiano, como o amor e o prazer.

CAPÍTULO I

ROMA E A MORAL NO “SÉCULO DE AUGUSTO”

Fundamentando-se numa moral rígida, foi que Roma obteve uma extraordinária expansão, deste modo o ano era dividido em dois períodos, eram eles, o da paz reservado para a agricultura, e o consagrado para a guerra, ou seja, vivia-se para a família e para o Estado, assim afirma Jean-Noel Robert (1995). Porém, havia também entre as guerras um período de repouso dos soldados, o qual era visto como sendo um obstáculo que deveria ser evitado, pois poderia prejudicar o ardor do guerreiro. Para estes, a cidade era tida como um perigo para os soldados, pois oferecia o divertimento possibilitando, assim, um perigo à “boa” moral dos mesmos.

Em sua origem o romano é um soldado e um camponês. Trabalho obstinado, frugalidade e austeridade constituíam as três principais regras de vida desses homens que, como Cincinato, e sem transição, conseguiam passar do trabalho do campo à direção dos negócios do Estado, salvar a pátria e voltar de imediato à Charrua. (ROBERT, 1995, p.17)

Uma sociedade que antes era tão severa a respeito dos valores morais, com o passar dos anos e com a introdução de novos costumes acabou por ser fortemente influenciada pelo prazer, chegando ao ponto em que os imperadores passaram a dever a sua popularidade à grandiosidade dos divertimentos que proporcionavam ao povo. Os romanos que antes se inseriam numa sociedade que se pautava numa moral tradicional, caracterizada pelas virtudes da simplicidade e da frugalidade, agora se viam em meio a transformações em função, em grande parte, da grande expansão romana que possibilitava um contato cultural com os costumes de vários outros povos. Deste modo, foi havendo uma espécie de reforma dos costumes devido ao contato constante com os povos derrotados nas batalhas em que Roma saía vitoriosa. A filosofia epicurista, com sua ênfase no princípio do prazer como meio para refrear a dor, foi uma das maiores influências que Roma recebeu do contato com os gregos, isto por volta de 230 a.C.

O epicurismo⁴, cujo fundador foi Epicuro (séc. III a.C.), não era visto com bons olhos pelos romanos, pois pregava uma nova moral, a da felicidade, esta que não tinha muito a ver

⁴Epicurismo, doutrina do filósofo grego Epicuro, que identifica o bem com o prazer, que deve ser encontrado na prática da virtude e na cultura do espírito. (Aurélio)

com a moral dos romanos, devido pregar que, a ausência de dor seria o prazer supremo⁵. Porém, o prazer se caracterizava pela ausência de sofrimento no corpo e de inquietação na alma. Apesar desta nova moral não ter sido muito compatível com a moral já existente em Roma, ela acabou sendo bastante difundida entre os populares, os quais a interpretaram confusamente como sendo uma moral vulgar do prazer, uma moral que lhes daria a possibilidade de se sentirem livres para viverem emoções antes proibidas por aquela sociedade.

Com a introdução destes novos costumes, há uma inversão da antiga moral romana, o apetite pelo prazer substitui o espírito de sacrifício, a camada inferior da sociedade torna-se cada vez mais pobre e os ricos iniciam uma busca constante em prol de enriquecer cada vez mais. Neste período, por volta do séc. II a.C., inicia-se a busca dos cidadãos pelo luxo e pela glória, resultantes dos saques feitos pelos soldados romanos durante as guerras e dos tributos pagos pelos vencidos. Desse modo e com a corrupção das instituições ancestrais, criavam-se leis para combater a “invasão” do luxo e a “degradação” dos costumes, porém inúteis e, deste modo, acabou por culminar na dissolução dos valores antigos.

Muitos escritores deste período eram radicalmente contra a entrada destes novos costumes, como é o caso de Tito Lívio, historiador romano do séc. I a.C., que se propôs a escrever uma obra pautada a historicizar a situação que presenciava em Roma. Para tanto, ele retroage ao passado da fundação da cidade para mostrar como os costumes que constituíram Roma e que se encontravam em seu tempo degradados, foram sendo instituídos, e no mesmo momento, como estes começaram a serem desviados. Com esta obra ele desejava perpetuar os costumes de outrora para que eles não fossem esquecidos. Suas ideias irão ser em parte as mesmas almejadas por Augusto o qual em seu principado vai se cercar de poetas a fim de deixar suas conquistas escritas para serem sempre lembradas.

Porém, o prazer torna-se tão presente nas práticas e nas representações de uma Roma expandida que começa a desempenhar um papel político, no qual vence quem oferecer o maior espetáculo ao povo, os jogos. Daí a política do “pão e circo”, aquela a que Paul Veyne

⁵ Cícero, filósofo, político e orador romano do séc. I a.C. escreveu tratados filosóficos em que refuta as teses dos epicuristas. Em *Do sumo bem e do sumo mal*, por exemplo, ele aborda a questão da virtude apresentando-a como distinta daquela pregada pelo epicurismo.

dá o nome de “evergetismo”⁶ através da qual os homens públicos de Roma conquistam a aceitação popular oferecendo-lhe diversões, como os espetáculos circenses.

A busca ao retorno da antiga moral romana ganha um aliado após o fim da República, com a entrada de Augusto no poder, o qual foi um grande estrategista político. Com a morte de Julio César que antes de morrer havia adotado Octávio, posteriormente “*princeps*” Augusto, colocando-o em seu testamento, e assim, este começa a conquistar visibilidade no espaço público de Roma. César, assassinado pelos senadores romanos sob o argumento de que pretendia tornar-se rei tirano de Roma, lhe conferiu a condição de herdeiro político, que foi estrategicamente por ele utilizada para poder explorar de todas as formas o que este benefício poderia lhe ajudar em suas aspirações políticas. Logo de início se propôs a exercer o papel de filho que vinga a morte do pai e assume seus projetos e, com isso, em 42 a.C. dá início a guerra contra os assassinos de César, mesmo contra a vontade de seus companheiros de triunvirato que era composto por Marco Antônio e Lépido, comandantes de confiança de César. Tal triunvirato, ao contrário do primeiro formado por Júlio César, Pompeu e Crasso que era apenas um acordo, foi uma aliança política formal constituída devido ao período de crise que se seguia após o assassinato de Julio César nos idos de Março de 44 a.C.

No entanto, esta união não foi das melhores, já que Marco Antônio e Octávio odiavam-se e passaram a conspirar um contra o outro desde a formação do triunvirato. Em 19 de agosto de 43 Octávio ganha o poder do consulado através do golpe de Estado:

As três legiões que o Senado tentou opor-lhe passaram para o seu lado, sem combate. O povo de Roma, tão fiel quanto os soldados à memória do deus César, conduziu unanimidade o seu herdeiro ao consulado... contra todas as expectativas, uma vez mais, a situação de Octavio: entre os governadores rebeldes ocidentais e os assassinos de César, que tinha, alguns meses atrás, solenemente jurado vingar, havia assegurado para si,... uma posição mais forte que a de qualquer deles,... era na sua pessoa que parecia,... ter se encarnado a legalidade.(GRIMAL, 1997, p 24-25)

É a partir de intrigas e golpes que Octávio vai conseguindo se impor na vida política de Roma. Em 33 a.C chega ao fim o segundo triunvirato, neste período Lépido havia sido afastado e exilado de Roma devido a uma manobra política que falhou, com apenas dois integrantes que se odiavam, Octávio e Marco Antônio. Estes entram numa guerra aberta que

⁶ Cf.: VEYNE, Paul. O império romano. In: VEYNE, Paul (org.). *Do império romano ao ano mil*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

resultou na Batalha de Áccio⁷ em 31 a.C e conseqüentemente no suicídio de Marco Antônio. Com os demais integrantes afastados do poder, um exilado e o outro morto, Octavio ficou sozinho para governar Roma. Em 27 a.C. recebe o título de Augusto alcançando assim o principado romano, isto devido a inúmeras estratégias políticas com as quais visava se tornar o escolhido dos deuses.

Fato que marcou o princípio do Império Romano e, assim, detendo todos os poderes em suas mãos, Augusto se afirmava como sendo o restaurador da sociedade romana. Talvez a tentativa deste soberano de reaver a moral tradicional romana se deva pelo mesmo ter sido em sua infância educado numa vila modesta de Velletri, é o que nos diz Pierre Grimal (1981) no livro “*A vida em Roma na antiguidade*”. Além disso, este autor diz que a cidade de Roma encontrava-se caótica naquele momento de tantas guerras e conflitos, havendo entre os cidadãos uma busca incessante pelo luxo e pelo poder. Com isso o próprio *princeps* propôs o seu exemplo.

O esforço de Augusto não visava, pois, senão propor aos Romanos da capital a imitação de modelos que não estavam assim tão distantes... O seu biógrafo Suetônio, conta que ele nunca quis uma grande casa, como se viram surgir outras ao longo dos períodos precedentes... A casa de Augusto, no Palatino, é o protótipo deste movimento para uma maior simplicidade na vida cotidiana, de que o primeiro imperador foi o advogado. (GRIMAL, 1981, p.78)

Deste modo, a casa de Augusto passa a representar a simplicidade e o valor da vida cotidiana, contudo a cidade crescia demasiadamente e o espaço urbano tinha que se modificar. Daí nasce as *insulae*, edifícios rodeados de ruas onde se amontoavam diversas famílias, gerando assim a modificação dos espaços cotidianos. Nestes lugares eram comumente verificados desmoronamento e incêndios, pelo fato de serem lugares instáveis.

⁷ “A batalha do Áccio (31 a.C.) entre Augusto, que ainda era Otávio, e Marco Antonio, aliado a Cleópatra, resultou na vitória do primeiro que, com isso, deu seu passo fundamental para se tornar o *princeps* romano. Diante das guerras civis, intensificadas após a morte de César em 44 a.C., os republicanos são derrotados e forma-se o segundo triunvirato entre Otávio, filho adotivo e herdeiro de César, Marco Antonio, cônsul que apoiava César, e Lépido, mestre da cavalaria de César. Partilham o mundo entre si: Antonio escolhe o Oriente, Lépido, a África e Otávio, o resto do Ocidente, onde articulava estratégias para destruir Antonio e, com isso, se tornar o “senhor de Roma” e, logo, do mundo. Nesse sentido, Otávio passou a usar estrategicamente a idéia de que Antonio não mais prezava pelos interesses de Roma, mas apenas por um “Oriente monstruoso”. Assim, encontra uma justificativa para agir contra ele, culminando na batalha de Áccio que lhe foi vitoriosa em terra e em mar no ano de 31 a.C.” Cf.: (CORDÃO, M.P.S, 2007, p.14).

O número e a gravidade dos incidentes que se verificavam nas *insulae* levaram Augusto a organizar um corpo de *uigiles*, particularmente encarregados de zelar pela segurança noturna na cidade e de lutar contra os incêndios. Uma sátira de Juvenal, tornada célebre, pinta as dificuldades e a confusão que encontrara o transeunte na Roma de Domiciano: ruas estreitas, carros enormes para os eternos estaleiros de construção, cortejos fúnebres, ruídos, engarrafamentos, fumo dos rescaldos, tudo isso já no tempo de Augusto e contribuiu para tornar insuportável a permanência na cidade. (GRIMAL, 1981, p.81)

Com isso, podemos perceber que no período de Augusto a cidade que fora construída torna-se um espaço conturbado, assim como, que os costumes deste povo vão se modificando desde os cortes e frisos no cabelo, barbas feitas e o próprio vestuário, até a culinária e também a vida conjugal. A partir do fim da República, os divórcios tornam-se cada vez mais comuns entre os romanos, isto devido as mudanças que houve em torno do casamento. Como diz Jean-Noel Robert, este “evoluiu a ponto de não passar de um simples acordo desprovido de valor profundo” (1995, p. 189). Assim, Augusto considerava necessária uma manutenção da vida familiar aos moldes tradicionais para que houvesse uma diminuição do número dos divórcios, reprimindo os adultérios, com o intuito de vir a favorecer a concepção tradicional de casamento. Nesta época, o imperador criou uma lei para obrigar os maridos ultrajados a punir suas esposas, criou também uma maneira de tentar preservar os jovens dos “contágios imorais”. Estes eram mandados para associações semi-religiosas e semidesportivas para serem afastados das coisas imorais que pudessem corrompê-los moralmente. Porém, apesar das regras colocadas por Augusto, a juventude não se submetia a elas, se divertindo como as demais já existentes.

Esta juventude de Roma diverte-se, como se divertiram todas as juventudes de todos os tempos, quando não eram pressionados por necessidades demasiado duras. Do mesmo modo que considerado imoral que um homem casado não respeite o caráter sagrado do elo que o une à sua esposa, assim também parecia legítimo que um jovem fizesse a sua aprendizagem da vida com uma liberdade quase completa... Estas cortesãs são, muitas vezes, cultas; tocam lira e até compõe versos. (GRIMAL, 1981, p.98)

E é neste contexto que aparecem grandes poetas, um deles em especial foi Ovídio, que nasceu, um ano após o assassinato de César, em 43 a.C., ainda na adolescência, como era comum aos jovens de classe média, foi para Roma onde estudou, com o asiático Aurélio Fusco e o espanhol Pórcio Latrão, não só literatura grega e latina, como arte retórica, isto era comum entre as famílias ricas. Foi também estudar filosofia em Atenas e estendeu sua viagem

até o local da antiga Tróia. De volta a Roma entrou para os tribunais e, para o prazer das platéias, apresentava frequentemente sua argumentação em versos. Porém, indiferente ao prestígio que poderia obter como homem público e para a tristeza de seu pai, que o queria na posição a qual já estava inserido, passa a dedicar-se inteiramente à poesia. Publicou a sua primeira coletânea em 20 a. C., com o patrocínio de Messala, alcançando enorme sucesso, e seus versos eróticos eram conhecidos em toda Roma. Teve como inspiração principal a poesia de seus contemporâneos, Tibulo e Propércio, antes de ter sua “personalidade alterada” e moldada pela sequência de acontecimentos que marcaram sua vida, após o regresso das viagens que empreendeu. Cultivou hábitos essencialmente mundanos, apesar de viver dentro de padrões relativamente modestos, em comparação com os parâmetros da época. Cortejou muitas mulheres e se casou por três vezes, sendo que o terceiro casamento durou até o fim de sua vida. (SILVEIRA, 2003, p.38-39)

Dentre suas obras ele escreveu *Amores*, nesta ira mostrar o cotidiano da sociedade romana, no início do Império. Quando estava terminando suas demais obras, as *Metamorfoses* e compondo os *Fastos*, em honra a Augusto, porém foi condenado ao exílio e enviado a Tomos, no Mar Negro, em 8 d. C. Isto resultou do fato do *princeps* ter interpretado a obra como sendo incompatível com a moral da sociedade romana. Fosse por razões políticas ou morais, o fato é que suas obras, sobretudo a *Arte de Amar*, foram retiradas das bibliotecas públicas e proibidas de circular. (SILVEIRA, 2003, p.38-39)

Porém, nem todas as suas obras devem ser interpretadas como opostas ao ideal político de Augusto, visto que algumas delas o exaltava, mesmo em “*A arte de amar*”, esta que foi considerada imoral, há passagens em que elogia o *princeps*. De toda forma, o que podemos perceber é que Ovídio censurava a moral romana tradicional a qual considerava como uma forma de retroação ao passado, pois negava a vivência dos prazeres e do amor. Ovídio, por sua vez, considerava um homem de seu tempo e via Roma como a cidade do amor, sendo um admirador do espaço da *urbs*, a qual encontrava-se, em sua leitura, resplandecente naquele período.

CAPÍTULO II

OVÍDIO, A ARTE DE AMAR E O PROJETO “RESTAURADOR” DE AUGUSTO

Pierre Grimal nos afirma que “existe um poeta latino cujo nome é inseparável do sentimento amoroso e que em vida pagou por essa reputação com o exílio” (GRIMAL, 1991,p.153). Este é Ovídio autor de “*A arte de amar*”, obra que foi considerada por Augusto, “*princeps*” romano, como sendo inapropriada para a conservação de uma moral tradicional edificada em Roma desde o período da fundação. Ovídio é um escritor de seu tempo, vivendo na segunda metade do século I a.C e nos primeiros anos desta era, durante o período de Augusto, pôde observar de perto a transformação social e cultural que estava ocorrendo em Roma, porém não se absteve de escrever sobre o amor mundano: “Que outros sintam, simpatia pelo passado! Eu me felicito por ter vindo ao mundo só agora. Este século me agrada”.(OVÍDIO, 2012, p.82-83). Ideias que iam de encontro aos valores propagados por Augusto, que investiu na retomada da antiga moral romana.

Diferentemente de escritores como Tito Lívio e Virgílio, poeta que escreveu a *Eneida*, os quais recuam ao passado a fim de estimular a retomada dos costumes tradicionais romanos, favorecendo por vezes a política de Augusto, que durante seu principado se cercou por um “círculo literário” para que junto destes pudessem vir a justificar o seu poder, Ovídio pode ser caracterizado como um autor de versos mundanos. Por esse motivo, foi tido como um poeta que se distanciava dos princípios da moral augustana.

Ovídio escreve essencialmente sobre as transformações que ocorriam em seu tempo, sobre situações do cotidiano, ensinando modos de agir quando o assunto se tratava de amor, sedução, conquista. A sua obra “*A arte de amar*” se destaca por pregar a ideia de que o prazer sexual entre o homem e a mulher deveria ser mútuo e de que a relação deveria ser livre e espontânea por ambas as partes. Ovídio, o libertino, o sofisticado, o diplomata do cerco do amor, vivia uma vida boêmia, andava pela noite romana, admirado como um grande poeta. Era tido como um poeta experimentado no amor que sabia tudo sobre as mulheres abandonadas e as “vergonhosas” experiências da velha mitologia. O seu maior domínio era justamente a poesia de amor, daí que “*A arte de amar*” contém as experiências que observou em Roma. Assim, esta obra pode ser considerada um “autêntico” tratado sobre a sedução, tido como um manual prático do amor, mas o que de fato Ovídio queria em sua obra era ensinar a arte de amar, já que ele apresentava-se como sendo o “mestre do amor”. (GRIMAL, 1997,p.74). Assim, esta obra contém “o tom doutoral dos tratados técnicos (...) os conselhos que ele dá

revelam a sua longa experiência da galanteria”.(GRIMAL, 1997, p.74). No entanto, escreve de forma tão moderna e tão realista o que é apresentado na obra que em inúmeros momentos poder-se-ia imaginar que de fato ele viveu aqueles amores, Grimal afirma que talvez ele nunca tenha de fato os vivido, assim os escreve devido ser um poeta que se dedica a falar sobre o amor.

Catulo, Galo, Propércio e Tibulo haviam cantado os próprios amores; quanto a si, cantará a sua paixão por Corina, mesmo se confessa que esta Corina nada tem de real... Ovídio sabe escrever sobre o amor, sem nunca o ter provado, sem nunca ter tido outra coisa a não ser agradáveis aventuras, mas não uma verdadeira paixão.(GRIMAL, 1997, p.73).

Ovídio tinha uma grande facilidade de compor versos, assim ele podia transitar entre a realidade e fatos não reais, como fez quando compôs a personagem Corina que ele tão perfeitamente idealiza e que por vezes parece ser real. Esta facilidade também se deve por ser um ‘homem de letras’ como diz Pierre Grimal (GRIMAL, 1997, p.74). Assim, ao escrever “*A arte de amar*” ele não irá ensinar aos homens apenas a conquistar uma mulher, que o mesmo identifica como sendo “presa fácil de ser abatida”, como também os ensinam dentre muitas coisas a viver uma paixão. Para isso, diz que era preciso experimentar um sofrimento, humilhar-se ao ponto de reduzir-se à categoria de servidor, de servo: “Aquele que ainda há pouco era patrono candidata-se agora a cliente” (PINHEIRO). Assim, deveria o homem se humilhar às mulheres as quais desejava obter e que isso de nada iria os diminuir. Para Ovídio, é a partir de sua arte que o homem também aprenderá a conservar a conquista.

Assim, “*A arte de amar*” é dividida em três livros, sendo que no I e II, o autor representa a mulher romana, em sua generalidade, como uma figura inferior, cheia de defeitos e somente constituída de más virtudes, que é totalmente o contrário do que escreve Própercio no livro das Elegias quando este escreve uma poesia amorosa tradicional voltada ao amor conjugal. Assim, ele irá falar de Cornélia a qual ele se refere como sendo a grande dama romana, pois celebra nela todas as virtudes que uma romana deveria possuir. Deste modo, reavivando os deveres familiares, os quais Augusto desejava restaurar. Porém, já nos livros de Ovídio parecem vigorar os pontos de vista da filosofia estoicista, na qual esta corrente filosófica propõe uma busca pelo prazer como relação individual e suficiente ao ato sexual.

No livro III, ele adota traços da filosofia epicurista, que prioriza a busca de alegrias e prazeres para a vida, aconselhando as mulheres sobre como se fazerem amar. Tudo isto numa sociedade cujos valores hegemônicos estiveram ligados a uma moral voltada a um certo

puritanismo. Com isso, percebemos que a obra de Ovídio vinha de encontro às ideias com as quais Augusto desejava “restaurar” a sociedade romana a partir do retorno das antigas instituições morais, para tanto desejava lembrar aos cidadãos como tinha sido esta moral e como esta se encontrava desestruturada. Enquanto outros autores de seu tempo se remetiam ao passado como o tempo exemplar para o qual todos deviam olhar e tomar como referência. Ovídio não visualizava edificar o império do ponto de vista político, mas sim atribuía Roma o epíteto de “a cidade dos amores”. Afirmava-se como um escritor de seu tempo e, sendo assim, escrevia sobre o que estava acontecendo em sua época.

Augusto apresentava um discurso moralista, enquanto Ovídio escrevia sobre as práticas do cotidiano sendo contra a contenção do prazer e das paixões, o que era justamente o que defendia Augusto. Com isso, a obra de Ovídio foi interpretada como uma forma de corromper os costumes tradicionais; o contrário do que Augusto desejava fazer em Roma.

A obra de Ovídio não era contra Augusto, visto que chega a retratá-lo em suas obras, como na própria “A arte de amar” em que narra “o triunfo”: “ Que meu herói traga ao Lácio as riquezas do Oriente. Deus Marte, e você, deus César, dê-lhe seu apoio divino, pois, de vocês dois, um é deus e o outro o será”(OVÍDIO,2012, p. 24). E ainda lhe promete um poema: “Sim eu tenho um presságio, você vencerá e eu prometo compor um poema em sua honra, em que minha boca encontrará para você tons eloqüentes”⁸. Isso fica evidente em uma das estrofes de *Fastos* na qual celebra a “paz” de Augusto. Vejamos em Ovídio (CORDÃO, 2007, p.24).

O próprio poema conduziu-nos até o altar da Paz.
 O dia é o segundo a contar do final do mês.
 Vem, Paz, de cabelos atados com as ramagens de Áccio,
 Deixa-te ficar gentil na terra inteira.
 E embora faltem inimigos e faltem também motivos para os triunfos,
 Tu serás glória maior do que a guerra para os nossos generais.
 Que o soldado traga armas apenas para conter as inimigas armas,
 Que a feroz tuba jamais cante a não ser nos solenes cortejos.
 Que o mundo, o mais perto e o mais longínquo, viva em terror dos filhos de Eneias,
 E se alguma terra houver que não tema Roma, que a ame.
 Trazei incenso, sacerdotes, para as chamas do altar da Paz,
 Que uma alva vítima caia, a frente golpeada.
 E implorai aos deuses, que são favoráveis aos piedosos votos,
 Que a casa que garante a paz em paz para sempre viva.

⁸ Idem, ibidem, p.24.

Ovídio escreve este poema referindo-se ao monumento *Ara pacis Augustae*, onde é feito um chamado a todos para irem ao devido local a fim de que fossem promovidos sacrifícios para a celebração da “paz” conquistada por Augusto, devido suas vitórias na Hispânia e na Gália em 13 a.C. Ano em que o Senado decretou a construção deste monumento, o qual foi inaugurado em 9 a.C. Dentre várias sugestões feitas pelo Senado esta foi a escolhida pelo *princeps*, tal obra acabou por constituir um material que justificava seu programa político, e devido suas articulações políticas o senado acabou por honrá-lo.



*Ara Pacis Augustae*⁹

No entanto, Ovídio repreende a moral romana de outrora, esta que se encontra localizada no passado desta sociedade, pois ele considera que a mesma nega a vivência dos prazeres e do amor e, por se considerar um homem do seu tempo, ele se distancia da ideia de estimular tal tradição, fazendo elogios a Roma de seu tempo. Considerava a Roma do passado, marcada por uma “simplicidade rústica” assim não sendo aprazível aos olhos deste poeta do presente, um admirador da *urbs*. Deste modo ele era contrário aos moldes do campo.

Agora, Roma está resplandecente de ouro e possui imensas riquezas do mundo que ela dominou. Vejam o Capitólio de hoje e o de outrora (...). Hoje a Cúria é verdadeiramente digna de tão nobre assembleia; ela era de palha quando o rei Tácio exercia o poder. O Palatino onde se erguem brilhantes edifícios, sob a proteção de Apolo e de nossos fundadores, o que era? Uma pastagem para bois de lavoura. (OVÍDIO, 2012, p.82)

⁹ O Altar da Paz de Augusto. “O Ara Pacis é uma edificação retangular, de mármore, dentro da qual se encontra o altar propriamente dito (junto ao chão, há orifícios para escoar o sangue dos animais sacrificados). As paredes externas são cobertas de frisos que retratam temas mitológicos e uma procissão religiosa atendida por Augusto, sua família e amigos”. Disponível em <www.cbca-ibs.org.br>. Acesso em 12 de junho de 2012.

Ele mostra na citação acima as mudanças ocorridas e presentes em seu tempo, mudanças que o faz se sentir feliz em vivenciá-las, é a sua maneira de mostrar que se sente orgulhoso desta “nova Roma”, destas novas transformações.

CAPÍTULO III

A ARTE DE AMAR: ANÁLISE DA OBRA

O tratado “*A arte de amar*” foi publicado no início do século I de nossa era pelo poeta romano Públio Ovídio Nasão. O livro é constituído por versos e a obra se apresenta como sendo uma espécie de manual, o qual tem a intenção de ensinar a arte de amar, essencialmente a arte da conquista, da habilidade, da sedução.

Ovídio era um escritor da felicidade e, portanto, ao falar do amor ele vai abolir as proibições, pois entendia que o ato de amar tinha por finalidade o prazer. Sendo assim, os homens e as mulheres desta nova Roma, que encontrou a paz no principado de Augusto, eram livres de corpo e de sentimentos. Deste modo, ele escreve sobre uma arte que tem por finalidade a satisfação e o bem-estar do corpo e, por ser um homem que se utiliza da questão sentimental em sua escrita, ele irá mostrar que na arte da sedução não se deve deixar nem um nem outro sair ferido.

O poeta inicia a obra já informando que todo homem que desconhece a arte do amor deve ler este poema, pois é através desta leitura que irá amar. Para ele, esta é a arte:

Com que a vela e o remo são manejados que permite às naus navegarem rapidamente, a arte que permite às carruagens correrem ligeiras: a arte deve governar o Amor (...). A mim Vênus deu-me ser mestre do Amor jovem; Tífis e automedonte me nomearam. (OVÍDIO, 2012, p.15)

Ovídio ensina como se deve iniciar a busca pela conquista e como esta deve ser realizada, mostrando os lugares onde a conquista pode acontecer, quais as armas que deverão ser utilizadas, quais os primeiros passos que o amante deve seguir. Por exemplo, afirma que primeiramente deve-se escolher aquela a qual é aprazível aos seus olhos, para que, assim, seja possível a manutenção da conquista. Deste modo, consagrando seus esforços perante este feito. Tendo êxito, “o caçador” deverá descobrir os lugares que sua amada costuma frequentar, para que possa sempre encontrá-la facilitando a manutenção da conquista. Assim para o poeta, a cidade de Roma tem grande facilidade de produzir amor por ser um lugar ideal para se encontrar uma amante devido ao fato de existir uma imensa diversidade de mulheres e, assim, cabe ao amante escolher aquela que mais lhe agrada.

Segundo Ovídio (2012, p. 18), há diversos lugares em Roma em que se pode deparar-se com mulheres, desde os passeios, edifícios públicos, como no fórum, onde muitas vezes o amor torna um orador seu escravo; nos templos, lugar onde são celebradas cerimônias religiosas, tornando-se um lugar propício para o encontro com aquelas; o teatro que constitui

um dos espaços mais favoráveis, considerado como um “lugar perigoso para o casto pudor”. Este não só é útil para encontrar como também para conquistar as mulheres, seja para relações efêmeras como para relações duradouras. No teatro as mulheres encontram-se aglomeradas junto à multidão, no meio da qual o “caçador” também se encontra.

Ele cita que é interessante lembrarmos que foi através de uma cerimônia de jogos romanos que Rômulo planejou e pôs em prática o rapto das sabinas, armadilha pela qual foi concedida aos romanos a conquista de “belas presas”, que foram tratadas por estes sempre com paixão. Esta experiência ficou como exemplo para a percepção do valor do teatro para a caça e a possibilidade de concretização do Amor; o circo também se caracteriza por ser um espaço de múltiplas oportunidades de “caça”, onde possibilita ao amante sentar-se próximo àquela que lhe agrada, devido este ambiente obrigar as pessoas a apertarem seus corpos umas nas outras. Situação bem sugestiva para iniciar algum tipo de conversa e contato físico com a amada. Assim, é preciso aproveitar as ocasiões para demonstrar gentileza para a sua amante, por isso, tudo deve servir de pretexto a seus cuidados: “O manto, muito longo, arrasta-se no chão? Segure a ponta e com dedicação, levante-o do chão imundo. Em seguida, como recompensa do seu zelo, sem que sua bela possa se contrariar, seus olhos verão pernas que valem a pena” (OVÍDIO, 2012, p.22). Estas são as facilidades encontradas no circo para o surgimento de um novo amor, de uma nova conquista.

E continua dizendo que, também são encontradas oportunidades tanto no ato público do triunfo de César Augusto quanto no ato privado das refeições, visto que tudo se transforma em ocasiões para a execução desta arte. Após a já certa vitória, da conquista do oriente, para a consecução do poder de César sobre o mundo, este entrara em triunfo em Roma, com seu corpo coberto de ouro, levado por quatro cavalos brancos. Este espetáculo será assistido com alegria por rapazes e moças, com isso constituindo mais uma ocasião para o “caçador”¹⁰ pôr em prática sua arte. Para a realização desta, poderá conversar com as mulheres que se fazem ali presentes, informando-lhes os nomes de generais e reis e seus respectivos lugares diante do triunfo, mesmo que não os conheça. Fala que, já as refeições se fazem propícias para o Amor, visto que o vinho faz aflorar os ardores amorosos. Ovídio se refere também ao aparecimento do riso nas faces como forma de consequência desta bebida, a qual enche de coragem o jovem conquistador.

¹⁰O homem é considerado na obra de Ovídio como um caçador, fazendo assim uma analogia, conquistador, homem, caçador, que vai a procura de sua “presa”, que seria a mulher, deste modo estas palavras se fazem recorrentes em toda a obra “*A arte de amar*”.

Ensinados os lugares onde procurar a amada, agora vem o segundo passo que são as indicações das estratégias que devem ser tomadas para a realização da sua conquista, incluindo aí as maneiras de agradá-la. Parte que é considerada por Ovídio como “o ponto mais importante de seu trabalho”. (OVÍDIO, 2012, p.26)

Deste modo, para Ovídio, se faz necessário compreender que, mesmo que tentem esconder seus desejos, todas as mulheres são presas fáceis, de acordo com a leitura patriarcalista, que o autor imprime em sua obra. Assim, o “caçador” pode lançar suas redes sobre elas, já que são propícias a serem conquistadas. Com isso terão o sucesso desejado. Um exemplo disto é Pasífae que se apaixonou pelo touro Minos, e por ciúmes de suas rivais, as vacas, sacrificou todas que tiveram relações com seu amado, assim, o homem não pode hesitar em caçar a mulher, pois mesmo que elas resistam ou logo cedam a conquista, estas gostam de serem cortejadas. Além de tudo, não se pode também deixar de conquistar as casadas, devido este tipo de “caça” ser ainda mais valorosa. O próximo passo é se tornar aliado da criada, pois é através desta que você saberá o momento certo de dar impulso à arte para com a senhora desta, bem como, tornando uma possível conquista para o homem. Porém, é necessário possuir primeiramente a criada, pois em seguida, facilmente a patroa desta o será. No entanto, não se pode se deixar ser conduzido pelos artifícios das mulheres, sempre desejosas por receberem presentes.

Ovídio mostra que nesta arte também se faz preciso saber se comportar para agradar a amada, como o exercício de lhes escrever cartas que sejam constituídas por palavras delicadas e suplicantes e que nestas transpareçam o amor. Esta é uma ocasião perfeita para dirigir-lhes promessas, mesmo que estas não sejam cumpridas, pois este comportamento é aprazível às expectativas femininas. Aos homens fica o dever de saber perder seu tempo, agindo conforme os desejos da amada. Assim, siga os passos dela, se ela levantar, levante-se se ela sentar sente-se também, siga os gestos dela, diz Ovídio. Ensina ainda que, o homem não deve esquecer que não pode exagerar nas ornamentações referentes ao seu físico, assim deve agradar as mulheres com sua simples elegância. Deve também se preocupar com um corte bem feito dos cabelos e da barba, em cuidar das unhas e manter os corpos limpos para que sempre exalem um cheiro agradável.

E dá prosseguimento dizendo que, nos festins onde o vinho, os presentes de Baco, é vastamente oferecido, ao homem não lhe será útil a embriaguez, a não ser quando esta seja falsa, pois deve conservar a lucidez. A mulher que lhe agradar poderá ser enganada por gestos e palavras ditas por ele num momento de ausência de sobriedade. O homem deve fazer gestos

que demonstrem seu amor, quando próximo a uma mulher, bem como agradar a amada, por meio de exercícios de sua voz, como a entonação de cantos e de movimentos de dança com seu corpo. Depois de realizadas as investidas preliminares, deve se deslocar para perto daquela que lhe agradou, deixando de lado o rústico pudor e não deixando que este o impeça que seus desejos se tornem realidade. Deverá persuadi-la com seu amor, utilizando palavras carinhosas e elogios referentes a sua beleza, isto é o que as mulheres desejam para si dos homens. Para conseguir agradá-las se faz necessário prometer-lhes compromissos sob os testemunhos dos deuses, se distanciarem do mal seguindo leis piedosas, este é um gesto sempre útil para se montar as armadilhas para suas presas.

Ele mostra uma lista de comportamentos úteis à conquista onde, as lágrimas, estas forçadas ou não, beijos delicados, por vezes devolvidos, outras não, e atos de atrevimento com o intuito de chegar a conquistar o que o desejo exige logo após os beijos. Assim este seria o momento da tomada da mulher, e acrescenta que, esta ação deve ser feita mesmo que por meio de gestos violentos, visto que, segundo Ovídio, elas gostam de serem tratadas assim. Já que o pudor da mulher não lhe permite demonstrar seus desejos, cabe ao homem tomar para si esta iniciativa, devendo dizer as palavras pelas quais elas suplicam. No entanto, não se deve exagerar, pois é necessário não deixar o amor se tornar muito explícito, sendo assim necessário cobri-lo com o véu da amizade. Além disso, o homem deve se mostrar com características que demonstrem um estado de apaixonado, como se fazer pálido, deixando o rosto branco como também o corpo magro, e ter cuidado para que os amigos não saibam, pois até os mais próximos podem se tornar inimigos, deste modo, devem ser tratados sempre com desconfiança.

Por último conclui dizendo que, o homem deve saber distinguir as variedades de sentimentos que surgem nas mulheres, pois lhe é preciso saber articular variados planos para conseguir êxito na conquista. Um homem hábil, rapidamente percebe tais diferenças e com facilidade consegue se moldar aos múltiplos caracteres femininos.

No livro II da obra, ele vai mostrar que esta arte não se resume apenas à conquista, cabe àquele que a faz manter a presa que caiu em sua armadilha de Amor. Contudo, apenas a seguindo a arte ensinada pelo poeta poderá fazê-lo. Ovídio se refere às dificuldades que se deve enfrentar para que não ocorra a fuga do Amor a partir da exposição de uma narrativa sobre Dédalo e Minos. Em condição de exílio no território de Minos, Dédalo, após não receber a permissão daquele para o retorno a sua pátria, decide articular um plano de fuga. Nesse ínterim, uma vez não podendo voltar por terra nem por mar, dos quais Minos era o

senhor, Dédalo decide abrir caminho pelos céus, modificando as condições de sua própria natureza. A necessidade o levou à articulação de planos audaciosos. Dédalo concede asas ao filho, Ícaro, e lhe diz para segui-lo pelo caminho que ia abrindo pelos ares, visto que, assim, estaria seguro. Todavia, Ícaro, com ousadia, promove um vôo audacioso, atitude que lhe conduz a se perder do pai e, em seguida, perde sua proteção e cai no mar, cuja água o absorve. Lição da narrativa: assim como Minos, que não conseguiu segurar as asas de Dédalo, ao homem será difícil manter o Amor sob seu domínio, visto que esse se caracteriza por sua voluptuosidade. Magias, venenos nem encantamentos são úteis para a preservação do Amor. Apenas a arte pode fazê-lo.

Ao falar do amante ele diz que havia inúmeras virtudes necessárias, pois a beleza não se tratava de elemento suficiente, sendo preciso que fosse amável, pois era assim que se faria amado. A beleza é um bem passageiro, é preciso investir no espírito e na inteligência, através do conhecimento das duas línguas e da oratória. Pode-se pegar como exemplo Ulisses, que não era bonito, mas conquistou Calipso através da arte de falar bem; ela sentiu por ele os tormentos do Amor e lhe pedia incessantemente que lhe contasse e recontasse a narrativa da guerra de Tróia. Além disso, se faz preciso dizer a amada palavras doces e agradáveis, pois diferentemente do casamento, o qual é caracterizado por regras estabelecidas socialmente, a união concretizada através do Amor deve ser marcada por palavras e gestos de carícias encantadoras.

No entanto, o poeta afirma que quando estes gestos não mais parecerem suficientes é necessário ter paciência para articular planos, a fim de manter o ardor do amor de sua amada, pois com o tempo o ardor diminuirá. Ao amante, é preciso também ser condescendente aos desejos da amada, ainda que discorde, pois assim a luta será vitoriosa. Deste modo, o amante deve seguir os gestos dela, por exemplo, rir, chorar e também deve chegar ao ponto de se rebaixar ao máximo que lhe for possível, como lhe segurar o espelho, gesto que não era comum a um homem livre. Para concluir, o amante deve possuir um caráter que se faz essencial, que é a coragem, pois esta virtude não lhe deixará ser derrotado por nenhum obstáculo que se por em seu caminho, pode-se assim comparar-se a um forte soldado que jamais perde a batalha.

Assim para ele se faz necessário ter práticas astutas quando for preciso utilizar a arte da dissimulação, primeiramente se deve conquistar as graças das servas e escravas, que poderão se tornar suas aliadas, para tanto, poderá agradá-las com alguns simples presentes. Estes também deverão ser dados a sua amada, porém tenha preferência em escolher presentes

que sejam encontrados no campo, como frutas, que poderá ser dito que foram retiradas do seu campo, mesmo que estas tenham sido compradas. Também poderá lhe enviar versos, escrevendo-os com o intuito de honrá-la. Elogios, sinceros ou não, ao seu físico também se fazem sempre bem vindos, assim tudo dela ou nela deve ser elogiado, cabelo, o ouro, a voz, a dança. Contudo, deve-se aprender a disfarçar de forma que não lhe seja perceptível os seus verdadeiros pensamentos acerca da beleza da amada, visto que a arte pressupõe tais gestos de dissimulação. Assim exercite-as através de demonstrações de dedicação para com a amada nos momentos em que uma enfermidade a obriga permanecer no leito. Ocasião propícia para lhe demonstrar admiração e cuidado, mediante votos de que ela logo ficará bem e de gestos que demonstrem a mais completa atenção.

Ovídio mostra que o amante deve fortificar o Amor através de aparições à amada, pois assim esta se habituará ao mesmo. No entanto, é preciso causar-lhe saudades passageiras com sua ausência, visto que tal sentimento causará naquela profunda inquietação, assim, lhe conduzirá a retribuir com a maior força ao amor do amado. Porém, a ausência desse não deve ser prolongada demais, devendo considerar a possibilidade de ataques de outros caçadores. Se ao jovem cabe o divertimento, o gesto dissimulado da infidelidade é possível, contudo é necessário que ajam com prudência para que uma amante não descubra os encontros com a outra. No caso de ser descobertos atos de sua infidelidade, desminta-os sempre. Entretanto, por vezes é saudável ao amante provocar ciúmes na amada dando-lhe uma rival. Mas não deve permitir que o desespero e as queixas da amada se prolonguem, assim devendo procurar restabelecer a paz, beijando suas lágrimas a fim de acalmá-la.

Deste modo, em sua visão ao homem cabe também seguir os ensinamentos de Apolo, que ensina que é necessário se conhecer bem para que possa usar suas habilidades a fim de satisfazer a amada. Logo, se possui uma boa conversa deve falar se sabe cantar, deve fazê-lo, no entanto, deve evitar os exageros de um orador que se põe a declamar em momentos inoportunos, assim ficando claro que é preciso sabedoria para o triunfo no Amor.

Ele mostra os tormentos ocasionados pelo “Amor”, sendo assim o homem mesmo não recebendo a atenção desejada da amada, deverá continuar a insistir, e não se deixe paralisar por tormentos trazidos pelo Amor. Deste modo, deverá suportar as injúrias do Amor, e sujeitar-se aos golpes da amada, e chegar se preciso a beijar seus delicados pés. É aconselhável fazer a amada acreditar que está sendo enganado, mesmo que não esteja. E assim ela é quem estará sendo enganada, ao acreditar que o amado não sabe de sua traição.

Já a respeito dos encontros com a amada, ele diz que este seria o momento em que o amor uniria os dois amantes, este devendo ser realizado em segredo, num local bem fechado. Pois aquilo que não pode ser visto deve ser coberto por um véu, assim o amor deve ser experimentado em um local com pouca ou quase nenhuma luz. O amante deve proteger a amada das correntes injúrias de difamadores que dizem terem se apoderado de mulheres, que na verdade nunca chegarão a tocá-las.

Ovídio ainda acrescenta que se faz preciso também para esta arte a dissimulação quanto aos defeitos da amada, pois se estes forem visíveis ao homem cabe atenuá-los com palavras, deve elogiá-los. O tempo permitirá que se acostume, para tanto é preciso apenas o disfarce, este que se caracteriza como um elemento central da arte de amar. Assim, também é importante que não pergunte a idade da mulher, visto que ser jovem ou já possuir mais idade não importa. Muito pelo contrário, já que as mais velhas causam prazeres mais verdadeiros; estas são sabidas e experientes, pois as jovens são mais artificiais. Assim, as mais velhas possuem vantagens, como a concessão de um prazer agradável, por não serem artificiais superando a primeira juventude.

No livro III, será ensinado às mulheres como devem se portar para serem amadas, assim após ter concedido lições aos homens dando-lhes as armas para a “caça”, cabe agora endereçar suas lições às “presas”, as mulheres, a fim de que essas se façam amadas. Pois, muitas já foram enganadas e abandonadas por seus amados, por não possuírem esta arte. Assim, os ensinamentos são endereçados para as mulheres, cujo pudor não lhes impede de aproveitar cada momento de suas vidas, com divertimentos. Se é inevitável que a velhice chegue, é preciso aproveitar a juventude com a recepção daqueles que lhe direcionam gestos de conquista. Haja vista que as rugas e os cabelos brancos rapidamente chegarão ao corpo que outrora era gracioso, é preciso que a mulher se entregue aos encontros do amor, ainda que dissimulados, pois não perderão nada com isso. As que não são tão belas devem cuidar do físico, pois uma vez bem cuidados os corpos femininos constituirão um espaço abundante para a recepção de ataques de “caçadores”. Visão de um indivíduo, Ovídio, que representa uma concepção acerca da relação feminino/masculino que predominava na sociedade da época e que é marcada por um viés patriarcalista ou, porque não dizer, machista.

Deste modo percebemos que a obra é marcada por um ponto de vista masculino, e dirigida a este público, porém isso não impede o autor de “dar voz” àquelas que são seu objeto, visto seu interesse em mostrar o seu conhecimento referente à vida feminina, bem como, às relações humanas. Mas, a obra constrói um tipo de representação que reafirma a

superioridade masculina e, paralelamente, a inferioridade feminina. O homem, pois, aparece como o dominador enquanto a mulher seria por natureza passiva e dominada. Era desonroso ao homem dar prazer à mulher, deste modo, estas não tinham esse direito, assim constituindo uma divisão entre gêneros consagrando o homem como sendo detentor da superioridade dentro do quadro social enquanto a mulher tinha a consagração da imagem de inferioridade.

Durante a República, a sexualidade nada tinha a ver com as mulheres. A moral sexual considerava que havia dois parceiros, um passivo que devia fornecer prazer e sofrer a lei viril, e o outro, o senhor, ativo, que impunha seu domínio enquanto era servido. Essa atitude viril corresponde bem à imagem do pater famílias onipotente, que tinha direito de vida e morte até sobre sua mulher e impunha seu poder tanto em sua casa quanto nos problemas da cidade. (ROBERT, 1995, p.220)

A mulher, portanto, de acordo com a visão patriarcalista da época, sequer era associada ao prazer sexual. Em Ovídio, ela aparece muito mais como um *ser* em quem o homem deve investir sexualmente. Deste modo, na obra “*A arte de amar*”, esta se configura como um ser passivo, no entanto, o homem como a mulher deve desfrutar de todos os prazeres, porém havendo deste modo uma divisão entre gêneros, onde um seria o dominador e o outro o dominado. Essa divisão é muito clara quando Ovídio escreve o livro para homens e não para homens e mulheres. As mulheres são representadas na obra como sendo uma caça: “Ovídio nos apresenta o ato de amor como uma comunhão de dois corpos tentando se dar prazer”(ROBERT, 1995, p.220). Citação que deixa bem claro como a mulher sequer era associada ao prazer sexual, visto que não cabia a ela senti-lo.

Nesta nova Roma, diferentemente daquela de passado rústico, na qual homens e mulheres não se cuidavam, encontra-se corpos que devem ser bem tratados, principalmente o daquelas mulheres que não receberam dos deuses o presente da beleza. Assim, aquelas que não nasceram providas de beleza deverão dissimular seus defeitos, utilizando a arte para tanto. Há sempre meios para esconder as imperfeições, para as pequenas, para as magras, porém é preciso evitar ações que possam vir a tornarem tais imperfeições ainda mais visíveis. Assim não é aconselhável àquela que tem hálito forte, falar em jejum próximo ao amado, nem sorrir, caso os dentes sejam escuros.

Para Ovídio também deveria haver um cuidado na elegância dos penteados e das roupas, os cabelos femininos devem ser sempre bem arrumados, pois que estes constituem um ponto forte para a elegância, já as providas de rosto comprido devem soltar o cabelo, sem enfeites, sendo aconselhável que os deixem balançar. As de rosto arredondados devem

penteá-los com coque, pois deste modo sua beleza será realçada. Podem também tingir os cabelos quando estes estiverem ficando brancos ou ainda comprar cabelos de outras mulheres. Devem ser cautelosas na escolha do penteado, pois a peruca quando colocada errada, se tornará um espetáculo horrível ao amado. As roupas devem ser escolhidas de acordo com as características da mulher, por exemplo, é preferível as morenas a cor branca, enquanto que as cores de tons escuros ficará melhor nas mulheres brancas.

Assim a ele indica que mulher deve se utilizar de meios a fim de embelezar-se para o amado há inúmeros artifícios em benefício de fazer-se bela, não se deve permitir que um cheiro ruim saia de suas axilas, que pêlos não tornem a pele áspera, nem deixar que os dentes se tornem escuros. É possível a mulher embelezar o rosto fazendo uso de maquiagens, para retirar a palidez deste. Porém, estes meios não podem ser vistos pelo homem, pois será desagradável para este saber como a mulher fez para ficar bela. Assim se faz necessário apenas que ele a veja após a utilização desses artifícios, pois que a obra inacabada será um espetáculo para o amado.

Ensina o poeta que uma arte relevante é o riso, este devendo ser expresso com sutileza, de modo que os dentes não apareçam e não constitua um gesto exagerado, para não vir a se transformar em algo desagradável. Deve também aprender a chorar forçando as lágrimas caírem, a forma de andar deve constituir um exercício delicado, seguindo este artifício, deve fazer um movimento forçado no quadril, para que assim seja belo. Os braços e ombros devem aparecer ter uma parte sempre descoberta, devido causar no amado o desejo de beijá-los, deve explorar a voz com exercícios de cantos, acompanhada com o som de delicados instrumentos. Devem ser lidos poemas elegíacos, como os de Calímaco e Safo, assim se mostrará uma mulher culta. Praticar jogos e danças, pois que, foi através dos jogos que se fez nascer o Amor. Cabe à mulher agir sempre com bom humor, para que assim seja seduzida, assim deve mostrar uma expressão sorridente, alegre, visto que o aspecto áspero tende a afastar o amado.

Para Ovídio a mulher deve ter astúcia, para enganar o marido, a ela é aconselhável enganar a vigilância dos guardas que a cerca, também deve desconfiar das amigas e não empregar criadas bonitas e fazer os homens acreditarem que são amados. A estas ainda cabe, expor seus talentos e seu corpo em público, devendo passear pelos pórticos, visitar altares, arenas e teatros, pois não deve ocultar seus dotes, visto que são eles que poderão causar paixão nos caçadores.

Deve-se evitar aqueles homens que ostentam sua beleza, pois estes fazem as mesmas promessas para todas. Destes a mulher deve receber presentes, mas logo em seguida recusá-

los, bem como seu amor. Uma forma de conhecer a sinceridade do amado é através das cartas que lhe são enviadas por ele pela criada. Não deve responder rapidamente para não se mostrar fácil ao amado e, quando responder deve usar uma linguagem elegante, pois sem essa, a paixão pode fugir do coração do amado. É preciso não aceitar facilmente os favores oferecidos pelo amado, não se mostrando a ele em todos os momentos que ele desejar vê-la, pois que a mulher legítima não é amada por poder ser vista por seu marido sempre que este deseja. Outra estratégia é criar um rival, pois o ciúme é sempre útil e o amor é elevado se houver a presença de perigos.

Ele indica as mulheres que ao ir a um festim, se deveria lembrar que é preciso chegar tarde, visto que, assim a beleza seria realçada, devido à espera aumentar o valor de sua presença, e mesmo sendo feia, a noite ajudará a cobrir suas imperfeições e o uso do vinho lhe transformará em bela aos olhos de quem o provou. Também deverá neste, comer com elegância e menos do que o desejado, pois se o amado vê-la comendo compulsivamente perderá por ela toda a graça. A bebida é indicada à mulher, porém deve ter cautela ao bebê-la para que não cause um espetáculo vergonhoso, como se lançar ao chão, devido ao efeito do vinho.

Também a mostra que mulher deve conhecer bem o seu corpo, para fazer a escolha correta da posição, pois o gozo dos amantes deverá ser igualmente sentidos, palavras lascivas e murmúrios devem ser ditos. Se o prazer não for sentido a mulher deverá fingi-lo, demonstrando-os a partir de gestos, como a respiração ofegante. Por fim, é de suma importância que não se deixe a luz penetrar por todo o quarto, para evitar assim que certas partes do corpo da mulher sejam vistos. Assim, chega ao fim os ensinamentos feitos por Ovídio nesta obra.

Na época que esta obra foi escrita, a “decadência” dos costumes do passado se acentuava com a excessiva permissividade e o descaso pelas tradições, assim numa ala expressiva da sociedade nasce o desejo de restauração dos antigos costumes. Exigem-se e se promulgam leis morais de grande rigidez. É justamente nesse momento de grande esforço pela reconstrução dos velhos valores, que surge um grupo de jovens poetas, inclusive Ovídio, cantando o amor extraconjugal e exaltando a paixão, características presentes na *Ars Amatoria*.

Seus ensinamentos vão de encontro aos propagados por Augusto, imperador romano, enquanto Ovídio escreve maneiras de burlar as leis para viver amores proibidos, como é o caso quando ensina as mulheres casadas a burlarem a vigilância dos que a cerca. Assim como,

escreve a respeito do homem sobre quem descreve como devendo ser uma figura menos dominadora, porém ainda sim dominador, que é mostrado no segundo capítulo da obra, visto que aí exorta a gentileza masculina para ser utilizada na conquista. Assim, os homens, dizia Ovídio, deveriam se rebaixar chegando ao ponto de se submeterem a segurar para as mulheres o espelho, levantar a barra do vestido, para que este não venha a sujar, serem amáveis, complacentes com as mulheres. Isto numa sociedade onde muitos desses ensinamentos eram totalmente impensáveis de serem realizados por homens livres e dominantes. A mulher aparece na obra como a “presa”, a “caça”, aquela que deve se preparar para receber o amor dos homens. Portanto, Ovídio as representa numa posição de submissão, mesmo que, por outro lado, coloque-as em situações de praticar o adultério. Ou seja, não é o fato de se referir às mulheres enquanto sujeitos que praticam o adultério e, portanto, burlam as normas sociais que Ovídio não as coloca também como aquelas que devem ser dominadas, visto que a elas não cabe o papel de dominadoras. No entanto, na obra ele irá mostrar que ambos devem sentir prazer e viver romances, aventuras e devem se entregar ao amor, à conquista.

“*A arte de amar*” é uma obra cujo tom é forte, nobre, dirigida à nobreza, que se escondia atrás da seriedade, possuindo um traço de poema didático. Ao mesmo tempo em que Augusto criava leis para conter a degradação moral de Roma, Ovídio escrevia sobre práticas inaceitáveis naquela sociedade, como o amor extraconjugal, este que era ferozmente rebatido pelo imperador que chegou a criar leis para fortalecer a instituição do casamento, o qual estava sendo bastante atacado pelos novos hábitos estabelecidos naquela sociedade.

Porém, Ovídio por vezes exaltará a “paz” de Augusto e até lhe direcionou alguns elogios, alguns deles na própria obra aqui estudada. No entanto, censurava a moral romana dos tempos austeros, por se localizar no passado, e por esta negar a vivência dos prazeres do amor, este que é o tema central de sua obra, assim se distanciava da ideia de fomento à tradição. Em “*A arte de amar*” são aclamadas essencialmente as leis do Amor, estas que não necessitavam da volta dos costumes puritanos. Podemos imaginar então como a referida obra deve ter causado um impacto muito forte contra as pretensões de Augusto.

Deste modo, podemos perceber as divergências entre a moral propagada por Augusto, que era voltada a restauração dos costumes tradicionais e a propagada por Ovídio, que exaltava os modos e costumes constituídos em seu tempo e, assim, se caracterizando como um homem que se felicitava em viver os acontecimentos recentes, um homem de seu tempo, o qual exprimia em seus versos a felicidade de viver os momentos que estavam lhe sendo propiciados, sem se preocupar com o puritanismo de outrora. Sendo assim, podemos dizer que

esses foram os motivos para Ovídio ter sido considerado como um opositor da moral augustana.

Ovídio convidava e incentivava o jovem a experimentar o Amor. Ensinava também as mulheres que usassem seu tempo de juventude para que usufruíssem dos prazeres ofertados pelo Amor, sendo assim necessário que:

Desde já pensem na velhice que virá: assim, não deixem passar nenhum momento sem aproveitá-lo. Enquanto puderem, estando ainda na primavera da vida, divirtam-se; os anos passam como a água que corre; a onda que passou na frente não voltará mais de onde ela veio; assim também a hora que passou não pode mais retornar. É preciso aproveitar sua idade; ela foge rapidamente, por mais feliz que ela seja, será menos feliz do que aquela que a precedeu. (OVÍDIO, 2012, p.80)

Na obra também podemos identificar a celebração do amor extraconjugal, isto fica claro quando no livro III Ovídio ensina a mulher a iludir a vigilância que a recobria então ele ensina:

Que a mulher casada tema seu marido; que a vigilância da mulher casada esteja bem assegurada; assim querem as conveniências, assim o exigem as leis, nosso chefe e o pudor. Mas que a submetam à mesma vigilância, você que o pretor acaba de tornar livre tocando-a com seu bastão, quem poderia admitir? Para aprender a enganar, entre para o meu culto (...). Como um vigia poderia impedi-la de escrever, quando esta em sua toalete; quando a carta, uma vez redigida, pode ser levada por uma cúmplice... Se o guarda desconfiar dessas astucias, que sua cúmplice ofereça suas costas e leve as palavras escritas sobre a pele (OVÍDIO, 2012, p. 103-104).

Ao analisarmos este discurso pregado por Ovídio num período onde o que mais estava sendo propagado era o retorno às tradições e os costumes morais, nos faz compreender o impacto que esta obra provavelmente causou no contexto augustano. Deste modo, mesmo Ovídio estando no auge de seu prestígio perante a sociedade romana, acabou sendo exilado com um decreto lançado pelo imperador sob a acusação de imoralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o objetivo deste trabalho tenha sido apresentar uma análise reflexiva acerca da diferença entre as morais que estavam sendo propagadas, por Ovídio e Augusto no contexto do final da república (509 a.C) e do início do império romano (27, a.C), bem como referida na obra “*A arte de amar*”, também foi abordada a questão da representação que Ovídio faz do feminino e do masculino. Apesar de escrever uma obra voltada ao público masculino, se utilizando de ensinamentos voltados à conquista das mulheres, nela também será dada à mulher uma atenção também voltada ao prazer. Prazer este que deveria ser compartilhado entre ambos e, assim, se concretiza a reivindicação do prazer da mulher o qual não lhe era de direito. Como observa Grimal, a obra “enriquece a medida que os sentimentos que descreve ganham em profundidade(GRIMAL, 1991, p. 162)” e, deste modo, supera o seu caráter de manual. Ocorre uma inversão onde a mulher torna-se um objeto de desejo tão buscado pelo homem que o faz não só para amar como também para ser amado. Em Ovídio, a mulher se concede a este não por obrigação, mas sim por sua própria escolha de acordo com o seu desejo.

Todas as considerações aqui feitas não se fazem conclusivas, pois, devido ao seu caráter preliminar, esta análise apresenta limitações. Esta constatação ocorre uma vez que haveria necessidade de uma investigação mais abrangente à luz da real razão dos motivos que fizeram Ovídio ter sido considerado como uma pessoa que tinha interesses em ir contra o império de Augusto, logo, de sua propagação de moral tradicional, assim devendo se fazer um estudo mais aprofundado dos temas aqui apresentados. No entanto, essas breves reflexões nos levam a concluir que o amor, sentimento que Ovídio pretendeu transformar em arte, é a mola propulsora dessa obra. Paralelamente, observamos que a compilação de conselhos acerca da arte de sedução e conquista permanece, em muitos aspectos, inalterada até os dias de hoje. Assim, Ovídio é considerado um homem que pensou além de seu tempo.

BIBLIOGRAFIA

CARCOPINO, Jérôme. *A vida em Roma no apogeu do Império*. 2ª ed. Tradução portuguesa de António José Saraiva. Lisboa: Livros do Brasil, 1964.

CORDÃO, M.P.S. *Olhares sobre a historiografia antiga: diálogos com Tito Lívio*. Campina Grande: UFCG (monografia de graduação), 2007.

GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Trad.: Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1997.

GRIMAL, Pierre. *A vida em Roma na Antiguidade*. Trad.: José Daniel Lourenço *et al.* Lisboa: Europa-América, 1981.

GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

OVÍDIO. *A arte de amar*. Trad.: Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PINHEIRO, Amanda de Melo. O feminino na obra *Arte de Amar* de Ovídio: livro III. Centro de Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP.

ROBERT, Jean-Nöel. *Os prazeres em Roma*. Trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2.ed.1.reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Glaydson José da. Representações femininas e relações de gênero na *Ars Amatoria*. FUNARI, P.P., FEITOSA, L. C., SILVA, G. J. *Amor, desejo e poder na Antigüidade, relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SILVEIRA, Maria da Conceição. *A Comparação Semântica como Estratégia Discursiva na Ars Amatoria, de Ovídio*. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2003.

VEYNE, Paul. *Sexo e poder em Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.